

"O Sombrio Justiceiro da Cidade de Deus"

Prólogo

A Cidade de Deus não dorme. Ela sussurra, grita, chora. À noite, seus becos ganham vida, iluminados por postes intermitentes e sombras que carregam segredos.

Entre essas sombras, ele observa. Silencioso. Impassível. Um vulto com olhar carregado de ódio e esperança, vestindo preto da cabeça aos pés, como se pudesse apagar sua própria existência.

Chamam-no de **O Corvo**, um justiceiro mascarado que ronda os becos da favela com sua capa improvisada feita de lona de caminhão e suas botas surradas de um passado militar. Não é um herói. Nunca quis ser. É apenas um homem... cansado.

Capítulo 1 – A Viela

Era uma noite abafada, com um céu tingido de cinza-laranja pelos incêndios que ardiam ao longe.

Escondido atrás de uma pilha de entulho numa viela da Rua da Paz — ironicamente a mais violenta do morro —, O Corvo observava.

Dois homens fardados caminhavam em silêncio. Não estavam em missão. Estavam à caça. Caçavam como quem já decidiu que o alvo é culpado antes mesmo do julgamento.

Um menino apareceu. Magro. Pequeno. 11 anos, talvez. Carregava uma sacola de pão e um boné do Flamengo. Sorriu ao ver os policiais. Talvez achasse que eram segurança.

Eles não sorriram de volta.

Três tiros.

Sem aviso.

O corpo do menino tombou como um passarinho alvejado.

O Corvo não interveio. Ficou paralisado. Seu sangue ferveu, mas seus músculos congelaram.

Não era medo.

Era impotência.

Capítulo 2 – A Caça

Nos dias seguintes, O Corvo se lançou numa cruzada silenciosa. Invadiu bocas de fumo, desarmou soldados do tráfico, entregou dados anônimos para jornalistas independentes. Salvou uma mãe de ser despejada por um agiota policial.

Mas nada mudava.

O menino continuava morto.

Os policiais continuavam soltos.

E a favela... seguia sangrando.

Capítulo 3 – O Espelho

Certa noite, durante uma perseguição em Copacabana atrás de um empresário envolvido com tráfico de armas, O Corvo entrou em um prédio de luxo. Lá dentro, descobriu um quartel-general de corrupção: documentos, gravações, depósitos em paraísos fiscais, ligações com deputados, juízes, até comandantes da PM.

Ali, entendeu.

Não era na favela que morava o crime.

O verdadeiro crime usava terno.

Dirigia blindados.

Tinha acesso direto ao Congresso.

E fazia questão de manter o povo com medo — de si mesmo.

Epílogo – A Morte do Corvo

Naquela noite, O Corvo sumiu. Seu corpo nunca foi encontrado. Alguns dizem que foi morto. Outros, que cansou.

Mas nas vielas, há quem diga que ainda se escuta o som de passos pesados sobre o concreto, e uma sombra que observa os opressores com olhos flamejantes.

Porque enquanto houver injustiça... talvez ele volte.

Ou talvez surjam outros Corvos.

Mais perigosos.

Mais conscientes.

E, desta vez, com nomes, rostos e vozes.
